



**X SEMINÁRIO SUL-MATO-GROSSENSE
DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO
MATEMÁTICA**

18 E 19 de agosto de 2016

**GHOEM: UM ESTUDO SOBRE AS ANÁLISES DAS PESQUISAS
MAIS RECENTES**

Ana Claudia Lemes de Moraes¹

Thiago Pedro Pinto²

RESUMO: Neste texto procuramos trazer sumariamente o estudo sobre os trabalhos do Ghoem no período de 2011 a 2015, lançando o olhar para os modos que essas produções realizam suas análises, com intuito de nos apropriar delas como contribuição para nossas futuras análises. Dessa forma dividimos esse referencial em dois momentos: estudo daqueles trabalhos que não adotam a nossa perspectiva metodológica e que fazem uso de formas diferentes das nossas de realizar análises, em seguida nos debruçamos sobre aquelas produções que se aproximam dos usos que pretendemos realizar quando chegar o nosso momento de analisar.

PALAVRAS-CHAVE: história oral, narrativas, análises.

INTRODUÇÃO

Em mais uma etapa da nossa investigação de mestrado, procuramos nesse texto nos debruçar sobre os trabalhos mais recentes, publicados pelo Grupo História Oral e Educação Matemática (Ghoem³), em particular sobre as teses e dissertações, com o objetivo de compreender, ou pelo menos tentar, como essas produções têm

¹ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, aclmorays@gmail.com

² Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, thiago.pinto@ufms.br (orientador)

³ Grupo História Oral e Educação Matemática, criado no ano de 2002. www.ghoem.org. Grupo que estuda e discute três projetos: “Mapeamento da Formação e Atuação de Professores de Matemática no Brasil”; “Hermenêutica de Profundidade: possibilidades para a Educação Matemática” e “Narrativas e Educação Matemática”.

desenvolvido suas análises, e, assim nos apropriar de elementos que venham nos auxiliar em nossa pesquisa.

Nossa ideia inicial seria percorrer todas as 56 teses e dissertações encontradas no site do Ghoem, no entanto, entendemos que a leitura das produções realizadas nos últimos cinco anos já (2011 a 2015) nos trariam apropriações interessantes e, para o momento, suficientes. Com isso, nos restringimos a 15 trabalhos⁴ disponibilizados no site do Ghoem, publicados no período citado, aprofundando nosso estudo nas produções que mais se aproximam do que pretendemos realizar.

Assim, no primeiro momento desse texto lançamos nosso olhar sobre pesquisas que não adotam a nossa perspectiva metodológica, fazem uso de formas diferentes das nossas de realizar análises, no entanto, integram os trabalhos produzidos pelo Ghoem, relacionado aos projetos: “Hermenêutica de Profundidade: possibilidades para a Educação Matemática” e “Narrativas e Educação Matemática”.

AUTOR (A)	TÍTULO	MODALIDADE	ANO
Fabio Donizeti Oliveira	Hemera: sistematizar textualizações, possibilitar narrativas.	Tese	2013
Miriam Maria de Andrade	Ensaio sobre o ensino em geral e o de matemática em particular, de LACROIX: análise de uma forma simbólica à luz do referencial metodológico da Hermenêutica de profundidade.	Tese	2012
Ana Cláudia Molina Zaqueu	O Programa institucional de bolsas de iniciação à docência (PIBID) na formação de professores de matemática – perspectivas de ex-bolsistas.	Dissertação	2014
Tatiane Pereira Taís Silva	Os movimentos Matemática Moderna: compreensões e perspectivas a partir da análise da obra “Matemática – Curso Ginásial” do SMSG.	Dissertação	2013
Carlos Souza Pardim	Orientações pedagógicas nas Escolas Normais de Campo Grande: Um olhar sobre o Manual Metodologia do Ensino primário de Theobaldo Miranda Santos.	Dissertação	2013

Tabela 1: Teses e dissertações: primeiro momento
Fonte: site do Ghoem – Grupo de História Oral e Educação Matemática

O segundo momento, reservamos para discutir as pesquisas que se aproximam da abordagem que acreditamos ser possível implementar em nosso trabalho, principalmente daqueles inseridos no projeto “Mapeamento da Formação e

⁴ Quatro dissertações e onze teses.

Atuação de Professores de Matemática no Brasil” do Ghoem e Hemep⁵, e que, desta forma, poderão nos auxiliar na compreensão do nosso modo de investigar e também em como desenvolver nossas análises.

AUTOR (A)	TÍTULO	MODALIDADE	ANO
Luzia Aparecida de Souza	Trilhas na construção de versões históricas sobre um grupo escolar.	Tese	2011
Fernando Guedes Cury	Uma História da Formação de Professores de Matemática e das Instituições Formadoras do Estado do Tocantins.	Tese	2011
Déa Nunes Fernandes	Sobre a formação do professor de matemática no maranhão: cartas para uma cartografia possível.	Tese	2011
Maria Ednéia Martins Salandim	A interiorização dos cursos de matemática no estado de São Paulo: um exame da década de 1960.	Tese	2012
Marta Maria Maurício Macena	Sobre formação e prática de professores de Matemática: estudo a partir de relatos de professores, década de 1960, João Pessoa (PB).	Tese	2013
Rosane Souza Staniswski	Uma investigação sobre o ensino da matemática nas escolas polonesas em São Mateus do Sul, Paraná.	Dissertação	2013
Thiago Pedro Pinto	Projetos Minerva: caixa de jogos caleidoscópica	Tese	2013
Viviane Clotilde da Silva	Narrativas de professoras que ensinam matemática na região de Blumenau (SC): sobre as feiras catarinenses de matemática e as práticas e concepções sobre o ensino e aprendizagem de matemática.	Tese	2014
Filipe Santos Fernandes	A Quinta História: composições da Educação Matemática como área de pesquisa.	Tese	2014
Sirley Patrícia Nogueira de Castro e Almeida	Um lugar: muitas histórias – o processo de formação de professores de matemática na primeira instituição de ensino superior da região de Montes Claros/norte de Minas Gerais (1960-1990).	Tese	2015

Tabela 2: Teses e dissertações: segundo momento

⁵Grupo História da Educação Matemática em Pesquisa. Este projeto propõe uma investigação sobre movimentos de formação e atuação de professores que ensinam/ensinaram matemática no país (Ghoem) e no estado de Mato Grosso do Sul (Hemep), prevê a organização, criação e divulgação de fontes historiográficas.

Fonte: site do Ghoem – Grupo de História Oral e Educação Matemática

No estudo desses trabalhos procuramos apropriar dos modos que essas produções analisam os depoimentos viabilizados pelos recursos da oralidade e documentos escritos, a fim de nos apoderar de elementos que contribuam com nossas inquietações nessa etapa do desenvolvimento da pesquisa.

HERMENÊUTICA DA PROFUNDIDADE, (AUTO)BIOGRAFIA E HEMERA

O Grupo História Oral e Educação Matemática que tem como principal metodologia a História Oral, no entanto, este grupo tem apresentado produções variadas, inseridas nos projetos “Mapeamento da Formação e Atuação de Professores de Matemática no Brasil”; “Hermenêutica de Profundidade: possibilidades para a Educação Matemática” e “Narrativas e Educação Matemática”.

Enfatizamos nesse momento os trabalhos que fazem uso das produções de narrativas (auto)biográficas, da análise de livros/manuais pedagógicos sob a perspectiva da Hermenêutica da Profundidade (HP) e também de uma produção que viabilizou Hemera⁶, trabalhos que diferem dos modos e usos que pretendemos realizar em nossa investigação.

Oliveira (2013) desenvolveu um trabalho onde a produção final resultou em um programa de sistematização das textualizações de entrevistas realizadas pelo grupo ou ainda por pesquisadores que fazem uso da História Oral como metodologia. Nesse sistema são cadastradas e catalogadas as textualizações para futuras consultas e elaboração de relatórios a partir dos recortes filtrados pelo Hemera.

Percebe-se que a análise dessa produção esteve na testagem desse sistema quanto ao seu efetivo potencial em auxiliar na produção de narrativas a partir de entrevistas.

Dessa forma, o autor traz em sua tese, cinco ensaios: “Um pouco de História”; “Sobre a Ditadura Militar no Brasil: um ensaio apoiado nas memórias de agentes da educação”; “A CADES na formação de professores no Brasil: o que se pode dizer” e o “JOGO, Experiência, tentativa, ensaio: estudar com o Hemera”, Do fim (provisório)

⁶ Banco de dados (incremental) de textualizações de entrevistas realizadas por um grupo de pesquisadores segundo os pressupostos da História Oral.

dessa aventura (potencialmente eterna); onde dois deles (o segundo e o terceiro) foram elaborados a partir do trabalho e filtragem realizada pelo Hemera, a fim de testar a sua viabilidade e potencial.

No penúltimo ensaio, Oliveira (2013), a partir de um filtro sobre a “Década de 1930”, discute procedimentos e exemplifica por intermédio da utilização de ferramentas os passos realizados para a elaboração dos ensaios. Por fim, o último ensaio traz as compreensões do autor sobre o potencial e limitações do programa.

Em Zaqueu (2014), encontramos uma investigação que viabilizou a produção de narrativas (auto)biográficas com acadêmicos do Pibid⁷, a fim de investigar quais os significados que estes atribuem às ações do programa em sua formação inicial. Nessa investigação, a (auto)biografia foi utilizada como “instrumento de pesquisa” (p. 43) e também como principal fonte de trabalho e análise.

A partir da análise de narrativas (auto)biográficas, Zaqueu (2014) constituiu “versões” que permitiram a ela compreender que acadêmicos, ao assumir um ‘conhecimento prático’ no lugar de ‘para prática’, implicou na valorização do magistério como também elevou a autoestima dos bolsistas, motivando-os a seguir na carreira de professores (ZAQUEU, 2014). A (auto)biografia nesse trabalho também foi utilizada como a “forma” de apresentar sua dissertação, nomeada por ela de (auto)biograficamente.

Nas produções de Andrade (2014), Silva (2013) e Pardim (2012) e olhando para os modos que realizaram suas análises, encontramos a abordagem teórico-metodológica da Hermenêutica da Profundidade (HP), referencial utilizado pelos autores para o estudo de materiais pedagógicos e análises de formas simbólicas em textos didáticos. A partir da HP é possível realizar uma “análise sócio histórica, formal ou discursiva e a interpretação/reinterpretação” desses materiais (ANDRADE, 2012).

De acordo com Thompson (1995, *apud* Andrade, 2013, pg. 33) a Hermenêutica é um “referencial metodológico orientado para a interpretação (reinterpretação) de fenômenos significativos em que diferentes tipos de análises podem desempenhar papéis legitimados em que e que se apoiem reciprocamente”. A autora enfatiza que a HP não se limita apenas a esse tipo de estudo, de manuais

⁷ Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência.

e da tradução, é também utilizada em outras perspectivas metodológicas, ou seja, “é possível empregar a História Oral no interior de uma Hermenêutica de Profundidade, do mesmo modo que é possível usar a Hermenêutica de Profundidade para analisar narrativas produzidas a partir da história oral” (GARNICA, 2015, p.47). No entanto, essa última forma (HP e HO) ainda não vem sendo exercitada pelo Ghoem, as pesquisas do grupo que fazem uso da HP, até o momento, tem “como intenção investigar livros didáticos” (GARNICA, 2015, p.46) buscando compreensões de como a história das ideias científicas são apresentadas nestes manuais.

HISTÓRIA ORAL E POSSIBILIDADES DE ANÁLISES

Pretendemos nesse momento, refletir sobre como alguns trabalhos do Ghoem diretamente ligados à História Oral discutem o trabalho com as narrativas e suas análises. Com isso pretendemos buscar aproximações e explicitar possibilidades à nossa pesquisa, ainda em andamento. Optamos por apresentar esse momento parafraseando cada autor citado.

O grupo escolar Eliazar Braga: facetas e movimentos de uma instituição plural.

Em sua tese “Trilhas na construção das versões históricas sobre um Grupo Escolar” explorou potencialidades da História Oral como metodologia, costurando historiograficamente as tramas elaboradas pelas suas entrevistas tendo como temática o “Ensino de Matemática” a partir dos movimentos Escola Nova e da Matemática Moderna, movimentos estes que marcam o período de funcionamento do Grupo Escolar Eliazar Braga.

Para a realização do trabalho, a autora contou com uma equipe, “um esforço coletivo”, para a construção de uma versão histórica sobre o ensino de matemática no grupo escolar citado, desencadeando uma organização de acervos e registros importantes à pesquisa. Ao se debruçar sobre os registros escritos e orais (oito depoimentos) pode-se “fiar e tecer” versões, elaborando, assim, “narrativas que aproximassem o leitor interessado em ouvir histórias de uma pesquisa e das pessoas que contam essas histórias” (p.420).

Sua tese é apresentada na estrutura de multipaper com cinco artigos elaborados para apresentar as “facetas de uma instituição plural e um movimento”

(SOUZA, 2011, p. 420). Mesmo não se referindo diretamente a “um processo de análise”, a autora, em suas narrativas transformadas em artigos, nos faz entender que a mesma realiza uma análise paradigmática⁸ (categorizações), considerando que suas análises têm início junto à pesquisa, na organização do acervo, nas suas textualizações e interpretações relacionadas a ela.

Uma história, uma narrativa da Formação de Professores de Matemática, contaminada por concepções e termos significativos de uma trajetória.

Para contar “Uma História da Formação de Professores de Matemática e das Instituições Formadoras do Estado de Tocantins”, Cury (2011) procura no seu trabalho, por intermédio da oralidade e registros escritos, recriar ou ressignificar “histórias ouvidas, lidas, observadas, vividas durante a pesquisa” (p. 231). Ao fazer uso da História Oral como metodologia, ele colhe depoimentos que permitem discutir movimentos marcantes nas histórias da criação e condução das universidades e das instituições, como: contexto educacional, a criação do estado, a migração dos professores, influências políticas com urgências e transitoriedade (CURY, 2011).

Assim a discussão desses temas desenvolve-se em uma análise narrativa (de narrativas), como produção, o autor traz uma nova narrativa baseada nos argumentos e nas tramas levantadas por 11 pessoas, que, segundo o autor, esta “...é apenas uma mimese, uma imitação criadora de experiência temporal que faz conviver diversos tempos, discordantes ou não, das experiências vividas” (CURY, 2011, p. 232).

Uma carta, uma comunicação de algo! Dezenove cartas, dezenove movimentos entre o que se quer dizer, o que se diz e o que o outro entende do que é dito.

Por intermédio de 19 cartas (estilo epistolar), destinadas a um personagem fictício, incluindo até mesmo uma “carta ao leitor”, Fernandes (2011) apresenta sua tese sobre a formação do professor de matemática no estado do Maranhão. Nessa troca de cartas com um personagem fictício, a autora estabelece um diálogo com “tramas” levantadas em dezesseis entrevistas, permitindo ao leitor do trabalho, a compreensão de como se deu o processo de formação desde a implantação do primeiro curso nesse estado. A investigação se deu em três instituições públicas de

⁸ A análise paradigmática procura encontrar, nas narrativas, temas comuns ou grupos conceituais (SILVA, 2014, p.183).

ensino superior do estado, pontuando urgências, carências e políticas governamentais.

Na décima oitava carta, e em resposta ao seu leitor, a autora esclarece como realizou sua análise, enfatizando que “a análise requer que o investigador desenvolva uma trama ou argumentos que lhe permita unir, temporal ou tematicamente, os elementos dando uma resposta compreensiva do porquê aconteceu” (FERNANDES, p. 347). Ainda nesta carta, a mesma, explica a organização, a forma da sua tese.

Assim, a tese apresentada por Fernandes (2011) na forma epistolar, configura-se como “uma investigação narrativa em que se faz uma análise narrativa” (p. 347), procurando levar o leitor, uma historiografia possível sobre o processo de formação de professores de matemática no estado do Maranhão.

Singularidades e convergências: um processo de análise não linear, feito de idas e vindas, de momentos que ora se concretizam, ora esmaecem, ora se impõem, ora se diluem e desaparecem.

O Trabalho de natureza historiográfica de Martins-Salandim (2012) procurou investigar “A interiorização dos cursos de matemática no estado de São Paulo”, concentrando-se na década de 1960, período em que se ampliou a oferta dos cursos de matemática na região. Seu objetivo esteve em “estudar o movimento de expansão dos cursos de matemática pelo estado de São Paulo” (p. 345).

Para o desenvolvimento da pesquisa a autora utilizou a História Oral como metodologia de pesquisa, tendo como depoentes quinze professores que atuaram no estado na época investigada e no seu quarto capítulo ela relata como desenvolveu sua análise. Essa etapa, segundo a autora, destrinchou-se em dois momentos diferentes: o estudo das singularidades e o estudo das convergências. Ao buscar as singularidades a mesma valeu-se da metáfora do caleidoscópio para explicar o quanto esses movimentos investigados nas falas de seus depoentes possuem combinações variadas, percepções e marcas (MARTINS-SALANDIM, 2012).

Na análise das convergências, a autora procurou compor um panorama mais geral sobre a temática, resultando em oito temas potenciais, que por sugestão da banca de qualificação, suprimiu-se em apenas dois temas, denominados por ela de “tendências”: “O Processo Formador” e “Concepções de Formação de Professores

de Matemática”. Na primeira tendência foram abordados os subtemas: “A expansão dos cursos de matemática como parte do sistema de ensino superior brasileiro, suas legislações, os Programas de Pós-graduação e o contexto político e econômico do país e do estado de São Paulo” (p. 315).

Ao analisar as singularidades seu foco de estudo esteve na vinculação entre os cursos de bacharelado e licenciatura de matemática, nas relações estabelecidas com outras instituições, nas demandas e carências de formação apresentadas por professores e outros profissionais do estado de São Paulo (MARTIM-SALANDIM, 2012)

Uma narrativa do que pode ser “Uma História” sobre a formação e atuação de professores, em João Pessoa-PB, na década de 1960.

A investigação de Macena (2013) realizou-se em João Pessoa- PB, local onde a autora se debruçou sobre a década de 1960 para contar sobre a Formação e Prática de professores de Matemática. Fazendo uso dos procedimentos da História Oral, a autora entrevistou onze professores naquele estado, voltando sua ênfase para o contexto político-sócio-educacional. Com os relatos dos professores-colaboradores, disparados por fichas - temas, a autora compõe sua narrativa, que segundo ela “utilizamos a oralidade a fim de elaborarmos uma narrativa a partir de narrativas, com intenção de construir fontes históricas” (MACENA, 2013, p.42).

O momento de análise também teve as suas inquietações, a princípio optou-se por elaborar uma tabela com temas comuns e resumos, uma tabela com as singularidades de cada depoente. Essa ideia inicial foi abandonada, decidindo continuar a partir das textualizações. Baseada nas textualizações, a autora, elaborou relatos dos relatos, detendo-se às semelhanças e singularidades, compondo sua trama, “tencionando acertar no contar” (MACENA, 2013, p. 265). Ela narra o que ouviu das coisas vividas na formação e prática docente e na medida em que narrava, temas surgiam e sugeriam a busca de fundamentação em leituras disponíveis. Assim ela desenvolve sua tese narrando “Um lugar”, “Um tempo”, o “Ensino Secundário: sintomas de urgência e imprevisto”, a “Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (CADES)”, sobre a “Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE)”, sobre os “Centros de Ensino de Ciência”, o “Movimento da Matemática Moderna (MMM)” e por fim a

“Formação de professores / Concepção de docência”, compondo o que seria uma possível história da formação de professores desse estado na década de 1960.

Um histórico da Educação Matemática nas escolas polonesas de São Mateus do Sul – PR. Há se houvesse uma máquina de voltar no tempo!

No Paraná, o mapeamento do Ghoem se fez presente com o trabalho de Staniszewski (2013), “Uma investigação sobre o Ensino da Matemática nas escolas polonesas em São Mateus do Sul” que objetivou investigar vestígios históricos da Educação Matemática da cultura escolar no final do século XIX até 1938, compondo enfim um cenário geral da educação e da cultura polonesa nessa região.

A partir de quatro depoimentos (senhoras com idades de 74 a 100 anos) e fichas com palavras disparadoras foi possível relatar sobre como os imigrantes poloneses chegaram ao Brasil e de como foram fundadas as primeiras escolas em seu novo país. Nesse contexto a autora utilizou a História Oral de vida como metodologia de pesquisa, por perceber “que por meio dela haveria mais possibilidades de englobar nas narrativas o conjunto de experiências vividas pelo indivíduo, dando mais liberdade ao entrevistado para dissertar sobre as experiências pessoais” (p. 90).

A partir das fontes criadas pela HO e documentos encontrados, sua análise seguiu procurando compreender como era a “representação do ensino de matemática para essas pessoas no período antes, durante e após nacionalização, quando a língua polonesa e as manifestações culturais das etnias foram proibidas no Brasil e, conseqüentemente, as escolas foram fechadas” (p. 91). Como produto da sua análise narrativa, a autora traz trechos das falas das senhoras junto aos argumentos da pesquisadora na tentativa de compor um cenário para a compreensão desejada sobre o ensino naquela região e época. Um caderno também foi anexado à pesquisa, uma relíquia com informações de como era o ensino de matemática na época (STANISZEWSKI, 2013).

Projeto Minerva: caixa de jogos caleidoscópica, uma tese, uma postura ou outra adotada para defender uma outra diferente, dentre tantas possibilidades. Verdade ou ficção?

Na tese “Projeto Minerva: caixa de jogos caleidoscópica”, Pinto (2013) faz uso das metáforas “caixa de jogos” e “caleidoscópico” para discutir a produção de conhecimento e a apresentação da Tese, que difere das demais. Dentre estes

elementos, o que chama a atenção inicial do leitor é a “forma” como ele apresenta seu trabalho ao leitor, ela possui uma estética que rompe com os padrões conhecidos na academia sem perder seu aspecto científico. Através de uma abordagem com textos independentes ele compõe a sua “caixa de jogos”, onde textos foram disponibilizados em diversos volumes, deixando a critério do leitor a escolha de por onde começar a leitura.

Por intermédio das metáforas “caixa de jogos”, o “caleidoscópio” e “cacos e miçangas”, ele desenrola sua história, ou pelo menos, uma delas. Por caixa de jogos, o mesmo entende como todo o tratamento atribuído aos textos e depoimentos fragmentados, aos “jogos de linguagem” (Wittgenstein 1995) dos quais podem ser lidos de forma alternada, orientação que pode ser encontrada no volume: Instruções de uso. O caleidoscópio representa os diferentes cenários que se tem a cada jogo (leitura) e os cacos de vidro e miçangas estão relacionados as cinco entrevistas e textos escritos a partir da investigação.

Como metodologia de pesquisa o autor fez uso da História Oral, olhando para as fontes constituídas pela oralidade e também para as fontes escritas. De natureza historiográfica, ele procura compor os cenários do “Projeto Minerva” além de organizar o acervo da Rádio MEC do Rio de Janeiro. Sua análise parte da interpretação atribuída ao acervo explorado, da interpretação dos documentos, dos fascículos e depoimentos que ajudaram a compor os cenários.

O volume “Um debate radiofônico sobre o projeto Minerva” nos permite conhecer esse cenário, onde participam: um locutor, uma professora coordenadora, uma professora monitora, um deputado, um ex-cursista e um ouvinte. Sobre o debate, o autor, enfatiza “ficcionalizamos, aqui, personagens, relatos, acontecimentos, numa criação que muito se aproxima daquilo que, acreditamos, lemos nas falas e demais registros criados/encontrados no transcorrer da pesquisa” (p. 59). Nesse contexto, foram discutidas as percepções, visões e facetas que marcaram os depoimentos, por intermédio de personagens fictícios e da sua narrativa ficcional.

***Tramas e elaborações...
Uma historiografia das feiras catarinenses de matemática.***

Silva (2014) traz em sua pesquisa de doutorado uma análise sobre as narrativas de quinze professores das escolas de Santa Catarina “Sobre as feiras

catarinenses de Matemática e as práticas e concepções sobre o ensino e aprendizagem de matemática” ao longo de 25 anos de desenvolvimento do evento no estado, traçando uma historiografia.

Para ela a análise realizada “é a trama de elaborações que nos foi possível tendo a nossa frente as textualizações e, em parte, aquele sistema de termos e expressões que constituem o tema da minha pesquisa” (p.17). Segundo a autora “às quinze narrativas coletadas juntamos uma outra: uma narrativa na qual predomina o caráter historiográfico” (SILVA, 2014, p. 283).

Assim, na análise das suas narrativas, uma análise paradigmática a autora, procurou “detectar convergências e divergências em cada depoimento e entre os vários depoimentos coletados” (p.183). Nesse exercício de análise, a autora separou as convergências e divergências em blocos de temas comuns ou em grupos conceituais, listando e organizando elementos. Da leitura atenta sobre esses blocos, procurou entender e atribuir significados, direcionando seu trabalho a elaboração de uma narrativa final sobre “Feiras Catarinenses de Matemática” e “A Formação do professor nos anos iniciais”, traçando um panorama.

Da Quinta História, pelo menos três histórias verdadeiras sobre a Educação Matemática como área de pesquisa.

Fernandes (2014) procurou “elaborar compreensões de como uma área de pesquisa, a Educação Matemática, se constitui” (p. 17). Na sua tese intitulada “A Quinta história: composições da Educação Matemática como área de pesquisa”, procurando “problematizar os modos de existir da Educação Matemática que essas narrativas de vida possibilitam gerar e gerir, percorrendo caminhos entre sua cientificidade e historicidade”.

No seu movimento de pesquisa, ao invés de empreender a investigação numa perspectiva da narrativa da experiência, preferiu enveredar pela experiência da narrativa, modo em que a vida de pesquisadores em Educação Matemática atravessam a pesquisa, sem discursos totalizantes, sem buscar formas e sim os efeitos. Procura-se compreender: O que isto, a Educação Matemática? “Uma pergunta que não passa por um compreender do que a narrativa diz, mas por encarnar o que a narrativa pode” (p. 18).

A base metodológica da sua pesquisa esteve ancorada nos memoriais⁹ (escritas (auto)biográficas) de seus colaboradores, que mesmo causando uma estranheza inicial ao seu grupo, o Ghoem, a opção metodológica foi discutida entres os membros, apontando outras formas de pesquisa dentro do grupo, fazendo usos da História Oral ou não. Assim, para sua análise, ele utilizou dois tipos de narrativas: os memoriais e as entrevistas¹⁰ realizados com três professores que participaram ativamente desse momento da matemática, enfim do nascimento da Educação Matemática no país.

O autor chama de atrevimento o que chamaríamos de ousadia, pois sua escrita é marcada ora por textos acadêmicos e ora por gêneros literários. A cada capítulo o autor coloca sua irreverência literária e suas compreensões, no entanto, é na Quinta História que se constitui suas buscas sobre a Educação Matemática (seus encantos). Suas cinco histórias são motivadas pela obra de Clarice Lispector a “Quinta História”. Assim, a Quinta História do autor traz a composição de todas as histórias da sua investigação, com uma estética ficcional “não porque inventam os personagens, cenários ou tramas, mas na medida em que inventamos critérios de estilos próprios para explorar essa distância, uma distância entre as palavras e as coisas entre as narrativas, entre quem fala e aquilo que se diz” (FERNANDES, 2014, p. 158).

Assim, o autor, em meio a diferentes gêneros literários e ficção, consegue colocar suas compreensões de como a Educação Matemática se constitui aos olhos dos seus depoentes.

***Minas Gerais: um lugar de muitas histórias!
Uma versão verdadeira ou mais verdadeira? Nenhuma delas.***

Na região de Minas Gerais, o Ghoem tem parte do seu mapeamento realizado pela pesquisa “Um lugar: muitas histórias – o processo de formação de professores de matemática na primeira instituição de ensino superior da região de Montes Claros/ norte de Minas Gerais (1960-1990)”. Almeida (2015) teve como objetivo investigar o processo de formação de professores de matemática na primeira

⁹ O autor se enveredou por esta perspectiva teórica-metodológica depois de ter conhecido os trabalhos de Fernanda Malinosky Coelho da Rosa, orientado pela Profa. Dra. Ivete Maria Baraldi (Unesp) e Ana Cláudia Molina Zaqueu, orientada pela Profa. Dra. Heloisa da Silva (Unesp).

¹⁰ Na perspectiva do autor as entrevistas são disparadas pelos memoriais.

instituição de ensino superior da região. Ao adotar a História Oral como metodologia de pesquisa, ela ouviu a narrativa de dezesseis professores e também a exploração de documentos escritos.

Para a compreensão dos movimentos levantados nos depoimentos, Almeida (2015), dividiu-os em dois temas “um dedicado à história da criação do curso e o outro aos saberes e fazeres praticados no curso” (p. 197).

A partir das marcas percebidas na pesquisa ela elaborou sua narrativa sobre “as muitas histórias presentes nas narrativas dos seus depoentes, os ‘ditos’” (p. 121-122), trazendo expressões ou palavras que marcam essas falas, colocando juízo de valor e ao mesmo tempo enfatizando a importância de outras interpretações (ALMEIDA, 2015).

O resultado desse movimento historiográfico permitiu entender que a criação do curso e a sua expansão fazem parte de um momento instaurado no país, de imposições legais, políticas e econômicas, além da carência de recursos materiais e humanos.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Na revisão realizada nos trabalhos do Ghoem de 2011 a 2015, o que nos parecia simples de realizar, acabou se tornando uma tarefa complexa, acomodando algumas dúvidas e deixando outras inquietações.

Nesse estudo, entendemos que a maioria dos trabalhos produzidos pelo grupo, no período de tempo citado, fazem uso da História Oral e os que não cabem nessa metodologia trabalham com a cultura escolar, valendo-se da Hermenêutica da Profundidade e da (Auto)biografia (memoriais) como referencial teórico-metodológico. Dessa forma, ao estudar os trabalhos que utilizam a HO como metodologia de pesquisa procuramos investigar como estes realizam suas análises, quais as formas que utilizam para apresentar o resultado do exercício de subjetividade sobre os depoimentos utilizados em cada uma das pesquisas.

Ao nos debruçarmos e refletirmos sobre esses usos e nessas compreensões percebemos que nada é fechado e único. Cada pesquisador se vale de um modo próprio para realizar suas interpretações sobre as narrativas disparadas pela oralidade ou memoriais. Alguns dos autores colocam claramente a sua forma de analisar e outros deixam implícito, ou ainda, podemos pensar que essa não seria a

intenção deles, a intenção de dizer claramente as opções escolhidas para as suas análises. Ao deixar implícito a sua forma de análise, poderíamos dizer que ao trabalhar com a História Oral, temos essa liberdade e flexibilidade em desenvolver nossas investigações, seja trazendo esses elementos claramente ou apenas seguindo os caminhos que vão surgindo na pesquisa e nos levando a outros caminhos diversos, contudo, sempre legitimados por uma comunidade acadêmica.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria. *Ensaio sobre o ensino em geral e o de Matemática em particular, de LACROIX: análise de uma forma simbólica à luz do referencial metodológico da Hermeneutica de Profundidade* - Tese (Doutorado em Educação Matemática). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro (SP), 2012, 281 fl.

CASTRO-ALMEIDA, Shirley Patrícia Nogueira de. *Um lugar: muitas histórias – o processo de formação de professores de Matemática na primeira instituição de ensino superior da região de Montes Claros/ norte de Minas Gerais (1960-1990)* - Tese (Doutorado Em Educação: Conhecimento e Inclusão Social). Universidade Federal de Minas Gerais - Belo Horizonte, MG, 2015, 403 fl.

CURY, Fernando Guedes. *Uma história da formação de professores de matemática e das instituições formadoras do estado de Tocantins* - Tese (Doutorado em Educação Matemática). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro (SP), 2011, 290 fl.

FERNANDES, Filipe Santos. *A quinta história: composições da educação matemática como área de pesquisa* - Tese (Doutorado em Educação Matemática). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro (SP), 2014. 233 fl.

FERNANDES, Déa Nunes. *Sobre a formação do professor de matemática no Maranhão: cartas para uma cartografia possível* - Tese (Doutorado em Educação Matemática). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro (SP), 2011, 388 fl.

GARNICA, Antonio Vicente Marafioti. *História oral em educação matemática: um panorama sobre pressupostos e exercícios de pesquisa* – Revista: História Oral, v. 18, n. 2, p. 35-53, jul./dez. 2015.

MACENA, Marta Maria Maurício. *Sobre formação e prática de professores de Matemática: estudo a partir de relatos de professores, década de 1960, João Pessoa (PB)* - Tese (Doutorado em Educação Matemática). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro (SP), 2013, 369 fl.

MARTINS-SALANDIM, Maria Ednéia. *A interiorização dos cursos de Matemática no estado de São Paulo: um exame da década de 1960* - Tese (Doutorado em Educação Matemática). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro (SP), 2012. 379 fl.

OLIVEIRA, Fábio Donizeti de. *Hemera: sistematizar textualizações, possibilitar narrativas* - Tese (Doutorado em Educação Matemática). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro (SP), 2013 176 f.

PARDIM, Carlos Souza. *Orientações pedagógicas nas Escolas Normais de Campo Grande: um olhar sobre o manual Metodologia do Ensino Primário de Theobaldo Miranda Santos*. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande (MS), 2013 124 f.

PINTO, Thiago Pedro. *Projetos Minerva: caixa de jogos caleidoscópica* - Tese (Doutorado em Educação para a Ciência). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru (SP), 9v. , 2013.

SILVA, Viviane Clotilde da. *Narrativas de Professoras que Ensinam Matemática na Região de Blumenau (SC): sobre as Feiras Catarinenses de Matemáticas e as práticas e concepções sobre ensino e aprendizagem de matemática* - Tese (Doutorado em Educação para a Ciência). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru (SP), 2014, 321 fl.

SILVA, Tatiane Tais Pereira da. *Os movimentos matemática moderna: compreensões e perspectivas a partir da análise da obra "Matemática-Curso Ginásial" do SMSG* - Tese (Doutorado em Educação Matemática). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro (SP), 2013. 167 fl.

SOUZA, Luzia Aparecida de. *Trilhas na construção de versões históricas sobre um grupo escolar* - Tese (Doutorado em Educação Matemática). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro (SP), 2011, 420 fl.

STANISZEWSKI, Rosane Sousa. *Uma investigação sobre o ensino da matemática nas escolas polonesas em São Mateus do Sul, Paraná* – Dissertação (Educação em Ciências e em Matemática). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2014. 179 fl.

ZAQUEU, Ana Claudia Molina. *O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) na formação de professores de matemática: perspectivas de ex-bolsistas* - Tese (Doutorado em Educação Matemática). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro (SP), 2014. 267 fl.